

RESENHA



CASANOVA, Marco. Mundo e historicidade: leituras fenomenológicas de *Ser e tempo* - volume 3: uma estranha introdução. 1.ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2023.

171

Deborah Moreira Guimarães

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ¹

OS CÍRCULOS QUE JAMAIS SE FECHAM: RESENHA CRÍTICA DO VOLUME 3 DE MUNDO E HISTORICIDADE

A editora *Via Verita* acaba de publicar o terceiro volume das leituras fenomenológicas de *Ser e tempo* realizadas por Marco Casanova. No volume que completa a trilogia, o filósofo e tradutor das obras de Heidegger conclui o seu objetivo de empreender uma leitura detida e sistemática da principal obra de Martin Heidegger. Contudo, o que chama a atenção do público é justamente o fato de o terceiro volume corresponder ao início de *Ser e tempo*, o que leva os leitores a acompanhar uma leitura muito mais lógica do que propriamente linear da obra de 1927.

¹ E-mail: deborahmoreiraguimaraes@gmail.com

Em um exercício hermenêutico minucioso e atento, Marco Casanova nos convida a seguir, portanto, um movimento lógico interno ao projeto heideggeriano da analítica existencial, o que pode ter passado despercebido aos leitores dos volumes anteriores ao encontrarem explicações detalhadas dos parágrafos 9 a 45 (volume 1) e 46 a 83 (volume 2). Resta uma lacuna imprescindível à compreensão não somente da ontologia fundamental, mas também dos esforços heideggerianos que orbitam *Ser e tempo* e que já começam a demarcar a transição para o período que ficou conhecido como “posterior à viragem”: os parágrafos 1 a 8, uma introdução que, por não ser introdutória, carrega em si algo de estranho, que não escapa aos olhos atentos de Marco Casanova.

Essa opção metodológica evidencia certas especificidades do projeto fenomenológico-hermenêutico de Heidegger. Há, em primeiro lugar, um notório aspecto circular em *Ser e tempo*, uma vez que a própria introdução pressupõe uma série de elementos que aparecerão apenas posteriormente, seja no próprio texto de 1927 ou em trabalhos de seu entorno. Assim, o leitor que percorre o caminho linear de *Ser e tempo* se depara inicialmente com um lastro de incompreensão que permanece, ao menos, até que o arcabouço conceitual desenvolvido nessa analítica se torne familiar.

O livro de Marco Casanova é dividido em 9 parágrafos, percorrendo desde a citação de Platão no início da obra capital de Heidegger até a caracterização do conceito prévio de fenomenologia, finalizando com apontamentos – já pré-anunciados nesse recorte que corresponde à introdução – que indicariam um possível fracasso do projeto heideggeriano dos anos de 1920. Nesse sentido, há uma tese implícita nas leituras fenomenológicas de Marco Casanova: a ideia de que já na introdução é possível traçar certas linhas de inconsistência do próprio projeto heideggeriano de *Ser e tempo*. Segundo Casanova (2023, p. 197), “o projeto estrutural da obra é formular uma vez mais a pergunta fundamental de toda ontologia: a pergunta acerca do sentido de ser”. No entanto, essa pergunta – que estrutura todo o projeto da analítica existencial e da ontologia fundamental – esbarraria no preconceito histórico que compreende tal pergunta como a mais universal e a mais vazia de todas as questões.

Mas como levar adiante tal questionamento iniciando por outro ponto de partida? Casanova ressalta o fato de que tal questão só pode ser feita porque o próprio preconceito que, em certa medida, a inviabiliza é aquele que permite sua recolocação, isto é, tal questão possui uma ligação indissolúvel “com o ente que já sempre se movimenta em uma compreensão prévia do sentido de ser” (CASANOVA, 2023, p. 197). Recolocar simplesmente a questão mostra-se, então, como uma tarefa inviável à medida que o ente dotado da compreensão do ser possui em si uma dupla possibilidade, isto é, não há apenas um único modo de existir em meio à compreensão de sentido de ser oriunda da tradição. Casanova (2023, p. 197-8) busca evidenciar, desse modo, que

[...] não se tem como simplesmente repetir a questão acerca do sentido de ser tal como ela se apresentava no interior do pensamento tradicional. Ao contrário, é preciso conquistar em sintonia com o

sentido de ser próprio ao ser-aí humano, isto é, a partir da temporalidade, uma nova relação com a historicidade e com a historiologia.

O próprio Heidegger teria vislumbrado tal inconsistência ao recorrer a um fio condutor “concreto” para se alcançar o ser. À medida que o fio condutor mencionado por Heidegger constitui-se como a própria história da questão e, segundo Casanova, como os momentos historiográficos da constituição da questão do sentido de ser, torna-se cada vez mais necessária a tarefa de destruição da história da ontologia, tal como Heidegger anuncia já no parágrafo 6 de *Ser e tempo*. Cabe lembrar: se tal tarefa havia sido planejada, a princípio, como contendo duas partes com três seções cada, por que Heidegger teria desenvolvido apenas as duas primeiras seções da primeira parte sem jamais retomar de maneira convincente o projeto anterior? Percebemos novamente uma tese própria à leitura de Casanova quando este defende a ideia de que *Ser e tempo* jamais recebera continuações, como por vezes se procura defender. Segundo o autor das leituras fenomenológicas, “não há nada que nos diga que há uma ligação direta entre esses textos e aquilo que se achava a princípio determinado para cada uma dessas seções de *Ser e tempo*” (2023, p. 198-9).

Engana-se, assim, quem circunscreve a trilogia *Mundo e historicidade* ao plano de uma mera análise, ainda que minuciosa e detida, de *Ser e tempo*, como se houvesse uma suposta neutralidade na interpretação que a caracterizaria mais como comentário de acesso ao texto heideggeriano do que propriamente como obra de teor argumentativo dotado de originalidade. Portanto, o volume 3 de *Mundo e historicidade* não é uma introdução ao pensamento heideggeriano tampouco um manual de tradução de *Ser e tempo* em linguagem acessível e voltado a estudantes que buscam um primeiro contato com a analítica existencial ou com a fenomenologia hermenêutica em geral. Trata-se, ao contrário, de um projeto específico de compreensão das questões que estão em jogo em *Ser e tempo*, proporcionando ao leitor o acesso ao texto por meio de uma chave de leitura que privilegia o período posterior à viragem ao reiterar, do volume 1 ao volume 3, a suposta inconsistência daquilo que posteriormente ficaria conhecido como metafísica do *Dasein*. Marco Casanova evidencia o quanto *Ser e tempo* se constitui como a morada filosófica de todos aqueles que encontram em Heidegger seu autor principal no caminho da filosofia, mas assinala o quanto essa morada é marcada pelo desafio constante de lidar com um círculo que jamais se fechará, com um círculo que tende a captar o leitor de tal forma que ele se verá impelido a repetir o trajeto heideggeriano desde o início, aprofundando-se cada vez mais de maneira espiralada, sempre que se deparar com as múltiplas questões que a analítica existencial desperta.

O próprio autor assina a sua interpretação ao afirmar que “obras clássicas nunca se esgotam, nunca se reduzem a uma possibilidade de nossas interpretações sobre elas” (CASANOVA, 2023, p. 199). Encontramos aqui uma declaração explícita que evidencia o quanto *Mundo e historicidade* pode ser vista, em seu conjunto, como o resultado de mais de trinta anos de pesquisa em fenomenologia hermenêutica, o que

jamais poderia se reduzir ao estatuto de comentário ou à neutralidade da explicitação que se limita a reconstruir argumentos.

Como nos diz Marco Casanova,

abrir uma fenda em sua mata é indicar um caminho de chegar ao coração de suas clareiras. Há certamente outras fendas, outros traços, outros veios da mata. Tudo, afinal, são caminhos da floresta. Tal como se encontra expresso na abertura do *Timeu* de Platão, novos encontros sempre trazem consigo novos diálogos, novas possibilidades de o lógos se mover em direção às muitas formas de dizer o mesmo. Cada diálogo, contudo, é capaz de articular a voz poderosa de uma multiplicidade em movimento. E é assim, então, que eu deixo aqui a minha palavra na interseção com o verbo heideggeriano expresso em *Ser e tempo*. Que ela possa achar a sua escuta. (CASANOVA, 2023, p. 199)

É assim que o propósito de *Mundo e historicidade* atinge o seu alcance máximo. Ao convidar o leitor a acompanhar os passos de Heidegger, Casanova também o instiga a trilhar o seu próprio caminho, levantando questões que provocam pausas no decorrer da leitura, fazendo-o refletir sobre a própria coerência interna da obra e os múltiplos modos de interpretação que uma leitura crítica – embasada no pressuposto hermenêutico de ligação das partes com o todo – propicia. *Ser e tempo* é uma obra elaborada no seio da tradição hermenêutica. Como tal, requer como seu pressuposto fundamental a interconexão entre as suas partes e a sua totalidade, entre *Ser e tempo* e o conjunto da obra heideggeriana, entre os esforços de leitura individuais e as compreensões já sedimentadas de interpretação da filosofia heideggeriana no Ocidente.

Observamos que o primeiro traço que caracteriza o fato – já mencionado anteriormente – de que Casanova tende a privilegiar o período posterior à viragem é a citação inicial do texto retirada de *Contribuições à filosofia: do acontecimento apropriador*. Se, como Heidegger afirma, “as grandes filosofias são montanhas soberanas, não escaladas e não escaláveis” (HEIDEGGER, 2015 apud CASANOVA, 2023, p. 9), de que maneira devemos conquistar o modo apropriado de se relacionar com a filosofia heideggeriana? Se “elas suportam a visão e o encobrimento” (*Ibid.*, p. 9), como lidar com a dupla relação que caracteriza, desde o início, o filosofar? A própria estrutura do volume 3 é circular, pois tanto a primeira página quanto as últimas estão interligadas através dessa ambiguidade que assinala o caráter compreensivo-interpretante da existência humana no mundo. Se a possibilidade da pergunta fundamental só se abre ao ente dotado de compreensão, e este possui tanto a possibilidade de se apropriar da questão quanto de se desapropriar de seu destino histórico, a visão e o encobrimento das montanhas soberanas que caracterizam a filosofia referem-se muito mais ao próprio ser-aí do que às grandes filosofias. Doravante, os limites da filosofia – em última instância – estariam engendrados no caráter de possibilidade que acompanha

de maneira indelével o existir do ser-aí humano, também na finitude de sua compreensão, e não a características inerentes ao próprio filosofar.

A obra é, desde o início, marcada por saltos interpretativos que não são óbvios e que não devem ser tomados como pressupostos imprescindíveis à compreensão de *Ser e tempo*. Podemos dizer que a trilogia *Mundo e historicidade* apresenta um conjunto de teses implícitas em suas entrelinhas, as quais ganham contornos mais evidentes e maior protagonismo no último volume da série. Logo no início do texto encontramos um exemplo desses saltos interpretativos realizados por Casanova quando este afirma que Heidegger parte “de uma radicalização da compreensão husserliana da essência intencional da consciência e de uma redução da própria consciência intencional à pura mobilidade ekstática do existir” (CASANOVA, 2023, p. 10). Evidentemente, trata-se de um exemplo direto de que as leituras fenomenológicas de *Ser e tempo*, tal como realizadas por Marco Casanova, pressupõem certa continuidade entre o projeto fenomenológico transcendental husserliano e a fenomenologia hermenêutica heideggeriana, acentuando mais as continuidades entre ambos os autores do que as rupturas que demarcaram, por exemplo, a virada hermenêutica na fenomenologia. Além disso, está em jogo aí uma concepção específica de consciência que não é unívoca na recepção heideggeriana, uma vez que partir do acento hermenêutico implica conceber subjetividade como a dinâmica própria aos atos intencionais, o que legitimaria a tese da redução da consciência e, conseqüentemente, da implosão da concepção de subjetividade no escopo do projeto da analítica dos anos de 1920. Por outro lado, se a leitura privilegiasse a ideia de correlação entre o ser-aí, dotado de compreensão, e a facticidade, uma vez que sentido só pode se abrir ao ente que compreende, tal como Heidegger repete reiteradamente em *Ser e tempo*, não poderíamos falar de uma redução da consciência à mobilidade ekstática. Nesse sentido, queremos apontar para o fato de que *Mundo e historicidade* é um texto que opera em um registro hermenêutico e, por esse motivo, tende a ler *Ser e tempo* implodindo quaisquer registros imanentes, tais como subjetividade, consciência e egoicidade.

Outro ponto que deve ser levado em conta é o caráter metalinguístico da interpretação de Casanova. Uma vez que Heidegger se movimenta no âmbito das possibilidades abertas pela tradição hermenêutica, nada é mais adequado do que empreender o princípio hermenêutico de compertencimento histórico também para interpretar *Ser e tempo*, isto é, o primeiro parágrafo do livro inicia-se com o questionamento: “o que significa iniciar uma obra da envergadura de *Ser e tempo* em meio a um diálogo de Platão” (CASANOVA, 2023, p. 13). Trata-se de uma pergunta pelo significado, ou seja, Casanova propõe uma investigação que se funda não no modelo explicativo-causal responsável por determinar grande parte dos esforços de interpretação dos textos filosóficos em geral, tampouco no método da leitura estrutural tal como propusera Victor Goldschmidt em seu clássico *Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos*, mas na estrutura lógico-semântica interna da obra, visando sobretudo compreender o significado dos diálogos que Heidegger tece em sua analítica. Tais diálogos não são, de forma alguma, despretensiosos. Ao

contrário, são elementos fundantes do próprio filosofar heideggeriano e já demarcam o fato de que toda questão acerca do ser se movimenta nas possibilidades abertas pela tradição à qual essa mesma questão pertence. Destruir, portanto, a história da ontologia é apenas uma expressão de apelo retórico, uma vez que as bases de onde se originam todo o filosofar jamais podem ser destruídas sem colocar em risco o próprio movimento que as teria hipoteticamente destruído. Aqui nos deparamos com uma das ambiguidades do projeto heideggeriano, segundo a leitura de Casanova: estamos diante de um círculo que jamais se fecha, pois, caso se fechasse, aniquilaria a si próprio. Heidegger é, portanto, um pensador da História da Filosofia, para quem o filosofar pressupõe a cada vez a sua própria História.

Uma vez que iniciamos esta resenha pelo último parágrafo do livro aqui analisado, resta-nos o conteúdo intermediário, parágrafos 2 a 8 do volume 3 de *Mundo e historicidade*. Nesse intervalo, o leitor encontrará – segundo a chave de leitura mencionada – uma interpretação dos parágrafos 1 a 8 de *Ser e tempo*. O viés contrastivo enraizado no projeto de compreensão da ontologia fundamental à luz de certa totalidade² do pensamento heideggeriano é novamente percebido no seguinte trecho, que reproduzimos integralmente:

Na medida em que Heidegger abre a introdução com uma menção ao esquecimento da questão acerca do ser e em que seu pensamento tardio se constitui precisamente a partir de uma compreensão do primeiro início da tradição como marcado por tal esquecimento, há uma tendência a ver no ponto de partida de *Ser e tempo* uma espécie de antecipação do horizonte temático próprio à obra heideggeriana no período posterior à viragem. Entre um ponto e outro, contudo, impera um abismo, uma vez que o solo propriamente dito de enraizamento do problema do esquecimento de ser vem à tona em um momento e no outro como diversos. Enquanto o que está em jogo em *Ser e tempo* é o esquecimento da multiplicidade ontológica do mundo, ou seja, um certo monismo ontológico da tradição em sua orientação prévia pelo sentido de ser subsistência em si (*Vorhandenheit*) e a possibilidade de uma superação de tal monismo em meio ao acompanhamento dos muitos sentidos de ser e do sentido de ser que os articula originariamente, o pensamento heideggeriano no período posterior à viragem trata do esquecimento da diferença ontológica como marca do início instaurador da historicidade ocidental, como esquecimento do caráter acontecencial da verdade do ser e, conseqüentemente, da essência histórica de todo fundamento. Tal distinção é para nós decisiva, para que possamos acompanhar de maneira detida o que está propriamente em jogo no parágrafo de abertura da introdução de *Ser*

176

² Referimo-nos aqui à obra já publicada de Heidegger, em especial, aos textos pertencentes à seção 3 da obra completa, textos póstumos e, em grande parte, concernentes ao período posterior à viragem que aconteceu na década de 1930.

e tempo, intitulado “A necessidade de uma retomada expressa da questão acerca do sentido do ser” (CASANOVA, 2023, p. 27-8).

Se, por um lado, conforme Casanova nos diz, há um abismo imperando entre *Ser e tempo* e o período posterior à viragem, o que justificaria sua recusa expressa das leituras que observam certa antecipação dos problemas pertencentes à história do ser já na analítica existencial. Por outro, não podemos deixar de observar a tendência constante a um comparatismo em sua leitura, que, se não tende a perceber continuidades entre o que se convencionou chamar de “primeiro” e “segundo” Heidegger, opera, ao menos, com uma chave de leitura que tende a situar *Ser e tempo* no projeto heideggeriano como um todo, demarcando a sua posição, o que de certa forma, também caracteriza uma leitura aproximativa entre esses dois períodos. Em suma, refletimos: se há um abismo entre os supostos dois projetos em questão, por que ler o primeiro projeto sempre a partir da ideia de que sua inconsistência seria o fator determinante à fundação do projeto que o segue?; se há, de fato, um abismo entre a analítica existencial e a história do ser, por que a história do ser parece resolver os limites daquilo que supostamente seria visto como um projeto fracassado desde o início?

Para além, então, de todo o trabalho minucioso que Marco Casanova empreende ao analisar a precedência da pergunta pelo sentido de ser e ao se debruçar sobre as dificuldades inerentes ao parágrafo sexto de *Ser e tempo*, observa-se também o notável estudo sobre um momento crucial da analítica, o parágrafo sétimo, cujo caráter metodológico torna-se imprescindível ao entendimento das estruturas fundamentais do ser-no-mundo e à correta entrada na fenomenologia heideggeriana. *Fenômeno e lógos* não são termos secundários, ao contrário, são pressupostos para a correta compreensão dos conteúdos seguintes.

Casanova questiona (2023, p. 153): “que método corresponde às necessidades materiais da questão acerca do ser do ente ou acerca do sentido de ser, podendo se mostrar como um modo de tratamento derivado das coisas mesmas em jogo a partir daí?” Seguindo a própria definição de Heidegger, de que “a expressão fenomenologia significa primariamente um *conceito de método*”, Casanova acentua o caráter metódico da fenomenologia relacionando-o a dois parágrafos marcantes de *Ideias I* de Husserl³, a saber, os parágrafos 20, no qual a fenomenologia aparece como contraponto da concepção de filosofia dos pontos de vista, e 24, cujo “princípio dos princípios” consiste na ideia de que aquilo que a fenomenologia chama de “coisa mesma” está diretamente relacionado à intuição originariamente doadora husserliana. Assim, para uma questão da envergadura da pergunta primordial de *Ser e tempo* apenas um método de acesso à constituição propriamente dita do campo fenomênico seria capaz de suspender a necessidade da correlação de uma subjetividade com objetos, o que mais uma vez reitera a posição husserliana da trilogia *Mundo e historicidade*.

³ Husserl, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*.

Logo, sugerimos que o volume 3 das leituras fenomenológicas de *Ser e tempo* pode ser lido a partir de três eixos centrais: 1) a recolocação da questão acerca do sentido de ser e os desafios próprios ao projeto heideggeriano expresso na ontologia fundamental; 2) o caráter metodológico da fenomenologia, o que serve de pressuposto não apenas à compreensão de *Ser e tempo*, mas a uma lida mais detida com o desenvolvimento da própria fenomenologia enquanto posição enraizada nas concepções de *fenômeno* e *lógos*; e, por fim, 3) a relação de *Ser e tempo* com o período posterior à viragem e com o próprio projeto do qual faz parte. Há, certamente, muitos outros conteúdos de extrema relevância no livro, mas optamos por elencar apenas alguns pontos centrais que, segundo a nossa interpretação, motivam não apenas a leitura do livro aqui resenhado como também uma atenção especial às teses nele implícitas. “Pensar o tempo existencial como fundamento do tempo histórico” (CASANOVA, p. 152) – se esta é a intenção última de *Ser e tempo*, nas palavras de Casanova, a escolha do título *Mundo e historicidade* já demonstra o que está em jogo na trilogia: traçar o percurso lógico-argumentativo que permite ao autor demonstrar a(s) sua(s) tese(s).

Submetido: 23 de janeiro de 2024

Aceito: 05 de fevereiro de 2024

178